

TALKING QUEER

Archive. Activism, Creative Disruptions

Entrevistador: Caio Simões de Araújo

EPISÓDIO 5 - ESCREVENDO QUEER EM ÁFRICA: uma conversa com Carl Collison

No episódio de hoje, eu converso com Carl Collison. Carl é jornalista freelancer, fotógrafo e realizador. Seu trabalho se concentra na produção de conteúdo relacionado a temas LGBTIQ em África. Antes disso, ele foi o Rainbow Fellow da *Other Foundation* no Mail & Guardian. Entre outras coisas, no episódio de hoje, falaremos sobre seu recente curta-metragem, intitulado *COVID and Cape Town's Homeless Transgender Sex Workers* (COVID e as trabalhadoras de sexo transgênero e sem-teto na Cidade do Cabo).

Carl, bem-vindo ao podcast.

Obrigado por me receber.

Você tem escrito sobre questões *queer* já há alguns anos. Como você vê o estado da representação e da presença *queer* nos media sul-africanos em geral?

Não é perfeito, mas ainda estamos relativamente bem. Dada a nossa Constituição, seria algo de se esperar. Então, há este aspecto positivo, mas existem publicações que ainda continuam a usar palavras pejorativas para referir-se às pessoas *queer*. Estas publicações são obviamente mais para o lado do tablóide, e o fazem por razões sensacionalistas. Mas é problemático, uma vez que elas têm um grande número de leitores e ouvintes. Mas, em geral, eu diria que nós estamos relativamente bem. Agora, definitivamente há um problema com a falta de jornalismo *queer* feito por pessoas *queer* na África do Sul. Pessoas *queer* cis-gênero têm uma presença maior, mas eu não conheço nenhum jornalista transgênero ou de gênero não-normativo, especialmente nas publicações mais convencionais. E isso é algo que precisa ser tratado. Definitivamente, precisamos de mais corpos não-normativos nas redações de todo o país.

Quando falamos sobre uma sociedade como a África do Sul e muitas outras no Sul Global, estamos falando sobre espaços interseccionais, nos quais as identidades *queer* se sobrepõem a posições de raça e classe. Como sabemos, a raça é um grande problema na África do Sul. Você pode falar um pouco sobre essa intersecção entre representações de

sexualidade e raça no jornalismo? Ou seja, os corpos *queer* negros são retratados de forma diferente dos corpos *queer* brancos?

Com certeza. A forma como os corpos *queer* negros são retratados é muito problemática. Existem alguns bolsões em que há elogios à experiência *queer* negra, mas estes tendem a existir mais dentro do setor de artes e cultura. Há movimentos como os bailes de *voguing*, ou em várias expressões artísticas, na música ou na moda, em que a experiência *queer* negra é vista com uma espécie de reverência. Mas, geralmente, eu acho que os media, especialmente os grandes media, perpetuam amplamente o tropo da vítima ao falar sobre as experiências de pessoas *queer* negras, especialmente aquelas que são economicamente desfavorecidas. Então, as nossas experiências não entrarão nas colunas dos jornais, a menos que venham com uma história de terror ligada a elas, uma história de violência, uma história de deslocamento, ou diferentes tipos de violência. A experiência *queer* negra não é abordada com respeito e nuances nas notícias, nos principais jornais ou publicações em geral.

Agora que estamos falando sobre diversidade na representação dos media, algo que me pareceu interessante no seu trabalho é a maneira como você tenta olhar para além da África do Sul. Você já escreveu sobre vários países africanos. Por que você se interessou em refletir sobre estes diferentes locais?

Eu estava frustrado com a maneira em que éramos sempre alimentados com histórias sobre outros países africanos. Estas histórias geralmente vinham de grandes jornais internacionais, e eu achava que havia muito pouca nuance nestas reportagens. Eram sensacionalistas. Não havia um olhar cuidadoso sobre as várias camadas de experiências *queer* em África, em todos os países africanos. Então, eu decidi eu próprio visitar espaços diferentes, porque senti que havia uma necessidade verdadeira de um jornalista africano contar histórias africanas para um público africano de uma forma respeitosa e que realmente homenageasse as pessoas no terreno, que estão muitas vezes a viver suas vidas e as suas identidades *queer* em ambientes repressivos, ambientes perigosos.

Bem, falando como sul-africano, e como alguém que trabalha no jornalismo sul-africano, o que você aprendeu nestes vários espaços?

Eu aprendi que, apesar de tudo, nós seguimos em frente, nós vivemos, nós fazemos coisas. Em Uganda, morei em uma aldeia com um homem trans que passava por muitas dificuldades, em termos de ter que se esconder e ter que lutar no seu dia a dia. Mas ele se levantava todos os dias, e ajudava sua comunidade. Na Tunísia, também, conheci jovens *queer* que eram tão inspiradores e desafiadores, porque viviam em um ambiente muito repressivo. Mas mesmo naquelas condições eles floresciam, eles viviam. E eu acho que é aqui que nós, como media, falhamos. Nós procuramos histórias sobre vítimas, mas somos na verdade sobreviventes, e isso precisa vir à tona na nossa cobertura jornalística de questões *queer* em África.

Um tema recorrente em seu trabalho é a questão dos refugiados *queer* na África do Sul. Você pode nos falar mais sobre isso? Por que esse problema te interessou?

Sim, eu escrevi algumas histórias sobre essa questão. As experiências de refugiados *queer* são repletas de múltiplas camadas de discriminação. Obviamente, há o trauma pelo qual passam em seus países de origem, o que resulta na sua migração. E depois, quando eles chegam aqui, eles ainda têm que lidar com sul-africanos homofóbicos e sul-africanos xenófobos, bem como outras pessoas homofóbicas dos seus próprios países que agora estão a viver na África do Sul. Além disso, existe a pobreza. Então, para mim, é óbvio que este assunto precisa ser abordado

com respeito e com nuances, e com o objetivo de ampliar a nossa visão sobre as experiências destas pessoas.

Ouvindo você falar sobre essas múltiplas camadas de desigualdade e de discriminação, o que vem à mente é o seu projeto mais recente, o curta-metragem que você realizou sobre mulheres transgêneros sem-teto na Cidade do Cabo. Eu gostaria de ouvir sobre as escolhas estéticas que você fez quando estava filmando o projeto. Há algo, em particular, que você gostaria de compartilhar?

O mais importante para mim era retratar essas mulheres de uma forma digna, de maneira a evitar os estereótipos. Todas elas foram filmadas com a maior majestade ou orgulho que eu poderia conseguir, estando do outro lado da câmera. Para além disso, eu sempre as posicionei em frente à paisagem, em frente ao espaço urbano. E isso era muito importante para mim, porque eu queria que elas ocupassem espaço, sobretudo espaços dos quais elas geralmente são excluídas, não é? Porque elas vivem neste cruzamento de discriminações, de classe, raça, gênero, identidade, de todas essas coisas. E embora a maior parte do filme seja em preto e branco, eu optei por filmá-las em cores, porque eu queria que elas fossem vibrantes, e que se destacassem visualmente. Essas foram considerações muito importantes para mim, tratá-las com o maior respeito que eu conseguisse. E elas ficaram muito felizes com o filme, e isso é o que importa, eu acho. Bem, e que as pessoas possam ouvir as suas histórias.

O filme é de facto poderoso. Quando eu assisti, eu pensei no seu trabalho jornalístico. Você tem escrito bastante sobre as estratégias utilizadas por pessoas *queer* para encontrar um lugar seguro, um lar. Eu comecei a pensar nestes dois elementos em conjunto. Por um lado, você realiza um filme sobre mulheres transgênero sem teto, a viver na rua. Por outro lado, você escreve sobre a relação que as pessoas *queer* tem com o lar. Estou curioso para saber por que essa questão do lar, ou a falta de um lar, é tão importante no seu trabalho. Por que esse interesse pelo tema?

Muitas pessoas *queer* são excomungadas das suas casas assim que a família descobre que são homossexuais. Este é um problema para comunidades *queer* ao redor do mundo. Para mim, há também uma conexão pessoal, porque fui expulso de casa quando meus pais descobriram que sou *queer*. E esta situação me levou a tomar todo tipo de decisões erradas, porque eu estava tentando preencher esse vazio. Então, a busca de um lar, ou a descoberta de um lar, ou a necessidade de um lar, de um espaço nosso, é uma coisa enorme para nós, enquanto pessoas *queer*. Principalmente por causa deste facto de muitas pessoas *queer* serem expulsas de casa. E isso geralmente acontece com pessoas que, assim como eu, não vêm de origens privilegiadas. Isso as leva a caminhos realmente problemáticos, perigosos ou autodestrutivos. Então, por isso que o lar é um grande tema no meu trabalho, eu diria.

Você tem escrito sobre várias formas de experiência *queer*, desde os bailes de *voguing* em Joanesburgo, até iniciativas que tentam criar espaços seguros online, para a comunidade *queer*. Ao que parece, há muitos projetos paralelos acontecendo ao mesmo tempo. Quando você olha para todos eles, quais são as semelhanças que você vê entre esses projetos *queer* em andamento na África do Sul?

Eu apenas diria que em todos eles, estamos tentando encontrar um lugar. Isso é o que todas as pessoas realmente querem, não é? Querem um lugar para si mesmos, seja um espaço físico, seja um reconhecimento de si mesmos, das suas experiências vividas. Um espaço

seguro, um espaço livre de julgamentos, cheio de amor, acho que é o que impulsiona muitas dessas iniciativas, a busca de um espaço, porque temos que construí-lo por nós mesmos.

Como alguém que já trabalhou como jornalista, realizador, e escritor por algum tempo na África do Sul, que tipo de conselho você poderia dar aos jovens *queer* que estão tentando encontrar uma voz?

Apenas continue, continue seguindo em frente. Pode parecer um conselho muito simplista, mas precisamos reconhecer o valor de persistir e lutar, continuar lutando. Lutando pelo reconhecimento e pela visibilidade, pela sensação de espaço seguro, seja uma casa de tijolo e cimento, seja um espaço seguro mais metafórico. Nós temos que continuar a lutar para isso, e tentar criar este espaço. E não apenas para nós, mas também para outras pessoas. Temos que estar cientes da dor do outro e de como podemos, à nossa maneira, tentar aliviar essa dor.

Muito bem dito, Carl. E É uma maneira tão bonita de concluir a nossa conversa. Muito obrigado por se juntar a nós no podcast.

Meu prazer. Obrigado por me receber, foi um bom bate-papo!